

Elon Musk e capitalismo desterritorializado

Jornal da Universidade / 25 de julho de 2024 / Artigo

Artigo | Doutorando do PPG em Psicologia Social e Institucional, Patrick Deconto Peliccioli analisa episódio envolvendo o bilionário e reflete sobre a relação que o capitalismo estabelece com o Estado

*Por Patrick Deconto Peliccioli

*Ilustração: Fabio Alejandro Vieira/Programa de Extensão Histórias e Práticas Artísticas, DAV-IA/UFRGS

O que o caso envolvendo Elon Musk e a institucionalidade brasileira pode nos revelar sobre o atual estado da arte do capitalismo na sua relação com os Estados nacionais? É dessa pergunta que parto para discorrer, em algumas linhas, sobre os impasses políticos que esse recente episódio pode estar desnudando, não apenas com relação ao contexto brasileiro, mas também com outros tantos Estados nacionais ao redor do globo, sobretudo aqueles do chamado sul global.

Esse episódio pode ensejar diversas entradas de análise possíveis, uma vez que tensiona pilares de diferentes esferas da política e da república brasileira. Poderíamos discutir tal contenda, por exemplo, à luz dos seus significados jurídicos, posto se tratar de um dos homens mais ricos e influentes do mundo entrando em choque frontal com um ministro da Suprema Corte do quinto maior Estado-nação do mundo em termos territoriais. Ou, então, poderíamos voltar nossa análise para os riscos políticos que estão implicados nessa emergência de uma “internacional fascista”, que, sem dúvida, fortalece-se ao ter em suas fileiras uma figura proeminente como Elon Musk. Estão aqui dois pontos que poderiam ensejar um amplo debate ético e jurídico bastante necessário ao futuro da vida política brasileira e internacional.

O caminho por que pretendo enveredar meu percurso argumentativo leva-nos a uma reflexão sobre a relação que o capitalismo, no seu atual estágio financeirizado, estabelece com o Estado e o modo como esse modelo político tem, paulatinamente, deteriorado as funções elementares de regulação moral e econômica outrora exercidas pela razão de Estado.

À luz de uma noção cara à Psicologia Institucional, diria que o embate de Elon Musk com o Estado brasileiro emerge como um *analisador*, ou seja, um elemento cotidiano que desponta a partir de dada contradição que nos permite visibilizar um sintoma que pode ser político, econômico e social.

A exasperação de Elon Musk com os supostos desmandos de Alexandre de Moraes não é, portanto, um acontecimento aleatório ou meramente psicológico – como se fosse decorrente do fato de que Elon Musk é um sujeito mimado e egocêntrico –, mas, sim, algo que expõe o movimento de reatualização da lógica colonial pela penetração do capital transnacional em nações supostamente soberanas.

Precisamos ter em conta que Elon Musk já não responde desde o lugar do burguês do século XIX e XX, que, a despeito de ser um burguês e atuar pelos seus interesses econômicos, estava intensamente submetido aos ditames de um projeto de Estado-nação que o instrumentaliza como peça fundamental para a consolidação de um certo projeto nacional de modernização das forças produtivas. Projeto que inscreveria o burguês em uma coordenada geopolítica cujos players seriam Estados nacionais em condição de aliança e disputa com outros Estados-nação. É claro que tal disputa jamais foi simétrica – que o digam os países da periferia do capitalismo, submetidos a uma posição de subalternidade na divisão internacional do trabalho.

O colonialismo, nessas circunstâncias, nadava de braçada, em uma aliança simbiótica com o capitalismo, entronado como racionalidade capaz de validar uma série de atrocidades, tudo em nome do progresso. Decorrem daí os rompanes imperialistas, primeiramente dos ingleses e, desde o fim da Segunda Guerra Mundial, dos estadunidenses. O imperialismo, enquanto conceito político, só pode ser compreendido à luz da categoria do Estado-nação como farol que ilumina o progresso e em um permanente esforço pela homogeneização das singularidades dentro de uma categoria *nacional*. Esta poderia ser considerada a conjuntura que enseja a cristalização de um certo capitalismo clássico que já não corresponde mais ao estágio atual do capitalismo mundial.

O capitalismo em tempos de Elon Musk nos exige novos instrumentais teóricos, que por sua vez consigam captar o capitalismo contemporâneo a partir do seu movimento, ou seja, a partir dos agenciamentos empreendidos por seus fluxos afetivos e materiais. Elon Musk é produto do chamado *capitalismo desterritorializado*, conforme expresso pelos filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari em suas obras escritas ao longo do século XX. Mas o que significaria, portanto, essa “desterritorialização”?

Bem, podemos pensar o *território* tanto na sua dimensão *geográfica* quanto *subjéctiva*. O processo de desterritorialização aponta uma progressiva ausência de referenciais políticos e morais que em algum momento funcionavam como âncoras dos empreendimentos econômicos entre capitalistas. Nesse sentido, o Estado operava como uma espécie de ente moderador, que por muitas décadas retardou a esquizofrenização do capitalismo. Essa moderação, hoje, já não é mais possível e explica porque Elon Musk se sente autorizado a questionar autoridades políticas e jurídicas brasileiras, como se aqui não houvesse um arcabouço constitucional que regula nossa vida social, resultado de um denso embate realizado à luz dos pressupostos da democracia liberal.

Como agravante, devemos considerar o poder que Elon Musk carrega consigo desde que se tornou proprietário de uma das redes sociais mais importantes do nosso tempo, por onde uma torrente informacional está a circular, forjando permanentes modos de conceber e perceber as diferentes contendas éticas e políticas do nosso cotidiano. Elon sabe que pode, por meio das ferramentas algorítmicas da sua rede, influenciar de forma decisiva a vida política de muitos países, tornando-os, assim, reféns de uma liberdade de expressão irrestrita que, em última análise, atua para a corrosão das bases democráticas que produzem as mediações necessárias para uma *pólis* que não tolera discursos de ódio endereçados a minorias sociais. Elon despreza tudo isso, pois seu próprio senhor, o capital, desconhece quaisquer limites que possam se colocar como horizonte ético.

Patrick Deconto Peliccioli é psicólogo, mestre e doutorando do PPG em Psicologia Social e Institucional da UFRGS.

“As manifestações expressas neste veículo não representam obrigatoriamente o posicionamento da UFRGS como um todo.”

:: Posts relacionados



Mobilização duradoura de cidadãos voluntários evidencia a necessidade de se repensar modelo de admin...



Ilhadas e com infraestrutura precarizada, comunidades quilombolas rurais enfrentam dificuldades em m...



A exclusão das universidades no enfrentamento das mudanças climáticas: um erro estratégico



Estratégias de construção da imagem pública política de Erika Hilton

:: ÚLTIMAS



Carta aos leitores | 22.08.24



Carta aos leitores | 15.08.24



Desinformação científica é um problema público que atravessa fronteiras



Tecnologia e impactos da energia limpa H2V



Servidores com deficiência nas universidades



Prevalência de Diabetes mellitus em Angola



Adoção da Ciência Aberta no Brasil enfrenta resistências de dentro da comunidade acadêmica



Carta aos leitores | 08.08.24



A importância de recuperar o patrimônio cultural e histórico de Porto Alegre

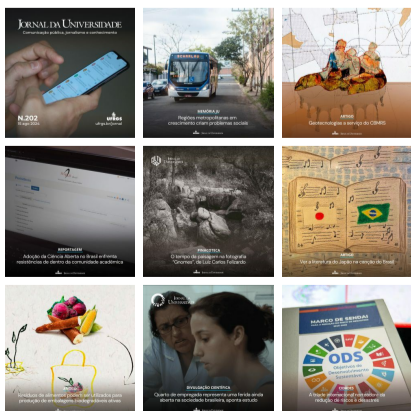


Resíduos de alimentos podem ser utilizados para produção de embalagens biodegradáveis ativas

INSTAGRAM

Jornal da Universidade UFRGS
@jornaluniversidadeufrgs

Follow



View on Instagram

REALIZAÇÃO

JORNAL DA UNIVERSIDADE

UFRGS SECOM

UFRGS

CONTATO

Jornal da Universidade
Secretaria de Comunicação Social/UFRGS

Av. Paulo Gama, 110 | Reitoria – 8. andar | Câmpus Centro | Bairro Farrroupilha | Porto Alegre | Rio Grande do Sul | CEP: 91004-060

(51) 3308.3368

jornal@ufrgs.br